

O papel das corporações na sociedade atual

Angelo Salton

Ao longo do século XX, o mundo acompanhou um fenômeno de explosão da participação das entidades denominadas corporações no mercado mundial. Com o constante aprimoramento no ramo da tecnologia da informação, o mundo participa de um processo de integração entre países e regiões do mundo. Conseqüentemente, verificou-se um processo de abertura dos mercados internacionais. Os governos passaram a abdicar de barreiras de tarifas, dando a possibilidade de empresas lançarem seus produtos ao exterior com sucesso. Esse procedimento virou sinônimo de bom negócio para empresas de médio porte há algumas décadas atrás. Hoje em dia, até mesmo pequenas empresas têm a condição de operar em outros países.

É notável o fato de que a corporação assume um papel cuja importância na sociedade cresce diariamente. Estas empresas tornaram possível a concepção em massa de produtos nunca antes pensados. Alguns deles se tornaram itens indispensáveis em nosso cotidiano, transformando o nosso estilo de vida, que se adapta à própria chegada destes novos produtos, num mecanismo cíclico. Alguns produtos, porém, sequer possuem alguma utilidade, e são introduzidos com sucesso no mercado com um pesado trabalho de marketing. O fato é que estas corporações se tornaram importantes demais, exercendo uma influência exagerada, no sentido social, político e econômico. O ingresso das novas empresas no mercado é dificultado, pois a concorrência com as multinacionais, que providenciam bens em grande escala e a preços competitivos é muito dura.

O que se observa é que a carga tributária imposta a estas grandes empresas é insuficiente, e o capital aplicado por estas empresas retorna diretamente às matrizes, não gira de maneira eficiente nas filiais. Em uma observação que possa ser distante, porém plausível, o efeito social proporcionado por estas firmas parece ser diferente do efeito provocado por empresas de pequeno e médio porte, que estão envolvidas, de fato, com a sociedade civil. Não é o caso das corporações. Elas não apresentam este envolvimento. As multinacionais, ao longo do século passado, foram se transformando em entidades com influência semelhante ao de governos soberanos. Uma onda de demissões provocada por este tipo de empresa gera um impacto social muito forte, um efeito que uma empresa menor não tem o poder de proporcionar. Novas cidades ou aglomerados

nascem e crescem ao redor de fábricas, e quando elas fecham, deixam famílias para trás. No final das contas, pouco resta aos governos senão negociar com estas empresas, sem deixar de atender eventuais exigências demandadas. Na verdade, as legislações dos países do mundo prevêm poucas limitações a estas organizações, principalmente nas políticas de proteção social e direitos humanos. A administração dos recursos naturais, por se tratar de patrimônio nacional, ou até mundial, poderia ter um controle maior dos órgãos públicos, exercendo uma pressão maior sobre as companhias que utilizam estes recursos. O que se observa é que empresas que usam recursos naturais, a princípio um bem comum, geram uma renda, um capital, que não necessariamente precisa ser aplicado em benefício da sociedade civil.